

A audácia fez de 1917 um evento na história da humanidade

Mario Sergio Conti

Folha de S.Paulo, 21/02/2017

Em fevereiro, 150 milhões de almas seguiam cegamente o autocrata. O czar governava com o apoio do Parlamento, da Igreja, do Exército, da Universidade, da Imprensa e de todas as cabeças bem pensantes, ou apenas razoáveis. Veio o Dia das Mulheres, em fevereiro.

Em cinco dias de protestos, Nicolau 2º virou pó. Veio abaixo o império, enraizado na tundra milenar da ignorância e da brutalidade. O partido radical, o bolchevique, estava com os líderes na cadeia ou banidos. Até eles defenderam a República recém-proclamada.

A exceção foi Lênin, exilado na Suíça. De volta à Rússia, em abril, ele pregou sozinho a tomada do poder e o socialismo. Foi acusado de traição e caiu na clandestinidade. Em outubro, porém, foi a República que caiu, sendo substituída por conselhos eleitos em fábricas, fazendas e quartéis. Lênin saiu do esconderijo para o Conselho de Comissários do Povo.

Não foi a irrupção das massas nem a democracia direta que marcaram a Revolução Russa. A plebe destronou os privilegiados e passou a governar -o que já ocorrera na França de 1792. E, como na Comuna de 1871, os insurretos de Petrogrado inventaram uma democracia radical.

Duas outras audácias fizeram de [1917 um evento na história](#) da humanidade. Pela primeira vez em milênios, os proprietários foram tirados do poder para que a sociedade trabalhasse em prol de si mesma. A revolução não foi só antiburguesa - além de antiaristocrata, anticlerical e anti-imperialista-, foi contra os parasitas do trabalho alheio.

A segunda invenção está no país oriundo da revolução. De maneira inédita, um Estado não trouxe no nome referência a um povo ou nação: União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. E mesmo a URSS seria embrião de um regime internacional, capaz de organizar a produção e o progresso em escala mundial.

A Revolução Russa revelou uma possibilidade política impensável -a de a humanidade agir como espécie. Sem países ou proprietários, o gênero humano poderia superar o egoísmo e o trabalho alienado, integrando-se à natureza. Essa chance não era uma utopia. Estava ao alcance da Terceira Internacional e do Exército Vermelho.

Michelet, historiador da Revolução Francesa, escreveu que "cada época sonha a próxima". Como aqui e lá fora os tempos são de reação triunfante, os fatos de 1917 só ensinam conformismo. A ideologia se apresenta como lição histórica.

Os realistas enchem a boca para dizer que as classes acabaram e o poder é impessoal. Que a sociedade ficou demasiado complexa. Que a economia é coisa para especialistas. Que Thatcher estava certa: não há alternativa.

Não há futuro: eis a divisa dos poderosos. No entanto, jamais a concentração da riqueza foi tão aguda; a desigualdade voltou a níveis pré-1917; a humanidade está cada vez mais perto de um acidente nuclear.

Nesse quadro paralisante, "Teses de Abril" e "O Estado e a Revolução", escritos por Lênin no calor da hora, entre fevereiro e outubro de 1917, parecem fantasmas. Curiosamente, eles também falam diretamente ao presente. Não se prepara uma revolução, que nasce do imprevisto e do impensável. A Revolução Russa só pode estar viva enquanto derrota. Ela tem, portanto, o que ensinar aos brasileiros - derrotados permanentes num país onde nunca houve revolução (nem reforma).